

---

## RESENHAS

---

BAIARDI, A. **Sociedade e Estado no apoio à ciência e à tecnologia**: uma análise histórica. São Paulo: Hucitec, 1996. 245p.

*O que há por trás das políticas científicas e tecnológicas dos Estados modernos?*

Inúmeras seriam as interpretações para uma tal pergunta, assim formulada, e a partir de cada uma delas abrir-se-ia um amplo leque de possibilidades de resposta. Mas o que o Prof. Amilcar Baiardi trata em seu livro são as diferentes modalidades de apoio dirigido às atividades de C&T por parte da sociedade e do Estado, desde a Antiguidade até os dias atuais, e os diferentes contextos nos quais se produziram, historicamente, cada uma dessas diferentes formas de “patronage.”

Sua interpretação da pergunta acima, aqui lançada apenas a título de provocação, é sobretudo historiográfica: “Que outras formas de ‘patronage’ antecedem as políticas científicas e tecnológicas dos Estados modernos?” Sua pesquisa inscreve-se nos limites da Ciência Política, da Sociologia da Ciência e da Historiografia da Ciência e é respaldada por uma ampla bibliografia e documentação histórica, embora o texto resultante esteja inteiramente livre do tom monótono ou pesado, tão comum em trabalhos da mesma natureza. Um livro que é, antes de tudo, bem escrito, numa edição agradável ao tato e aos olhos.

Se a intenção inicial era investigar “o nascimento da política de ciência e tecnologia” no contexto dos principados e ducados da Itália pós-renascentista como formas pré-modernas de Estado, ela foi logo abandonada, em razão de as “políticas” dos príncipes serem nada mais nada menos que “manifestações de gosto pessoal, de sensibilidade para com as expressões culturais e artísticas ou simplesmente uma estratégia para melhorar a imagem” e, portanto, algo um tanto particular e efêmero, distante do que se conceberia como uma política de Estado. Assim, outros caminhos foram trilhados, em busca de outras luzes, desta vez numa dimensão de tempo/espaço bastante mais ampla: por meio da reconstrução analítica de momentos significativos de produção do saber no Ocidente, a análise das

formas assumidas pelas manifestações de apoio da sociedade e dos sistemas políticos à ciência e à tecnologia.

Entre a primeira manifestação de apoio da qual se tem registro (Século 30 a.C.) e o atual modelo de políticas privadas ou públicas passaram-se aproximadamente 5.000 anos. Este é, em princípio, o período estudado. A periodização adotada é baseada em escolhas já feitas por historiadores da ciência contemporâneos, como Ben-David e Rossi, enquanto a concentração espacial da produção do saber dentro de períodos determinados baseia-se em critério proposto por Yuasa, que seria o de determinado espaço responder por mais de 25% de toda a produção mundial de saber. Assim, são definidos os seguintes períodos de prosperidade científica: Itália, de 1540 a 1610; Inglaterra, de 1660 a 1730; França, de 1770 a 1830; Alemanha, de 1810 a 1920, e os Estados Unidos, de 1920 até, provavelmente, o ano 2000. Segundo o Autor:

“Como esta hegemonia não surge por acaso mas sim associada com alguma revolução no pensamento que expressa novas atitudes da sociedade e do Estado para com a produção do saber, procurou-se ver o que aconteceu nestes espaços no plano das manifestações de apoio à ciência, daí resultando a decisão de enfatizar as formas mais avançadas de sustentação ou as que adquiriram maior notoriedade, quais sejam, as academias renascentistas, as associações pós-Revolução Puritana, as academias reais, as universidades germânicas e o modelo da “Big Science”, com a difusão da ciência em escala planetária.”

O livro está organizado em oito capítulos, sendo o primeiro destinado a observações preliminares sobre o objeto de estudo e o segundo voltado para considerações gerais sobre sociedade e sistemas políticos no apoio à ciência e à tecnologia e as características essenciais dos tipos de Sociedade e de Estado observados. Cinco capítulos intermediários descrevem os cenários relativos a cada período histórico ou espaço hegemônico da produção do saber e suas instituições representativas e analisam, dentro de cada período/ espaço, as interações entre ciência, tecnologia e cultura, as diferentes modalidades de suporte à C&T, as formas de organização da ciência, e o papel da mesma com relação ao Estado e vice-versa, bem como aspectos específicos da manutenção do homem de ciência e da própria atividade, em cada período. No capítulo final, o Autor descortina o cenário das tendências

#### Resenhas

do processo de produção de conhecimento científico e tecnológico para o início do Terceiro Milênio, a partir da crise da “Big Science”, não sem antes montar um quadro bastante esclarecedor da situação atual, sobretudo com referência às mudanças observadas quanto ao caráter de nacionalidade da ciência e da tecnologia e às relações entre C&T, Estado e a sociedade.

Ao final da leitura, algo parece faltar, como se esperado fosse. Talvez o fato de ser um trabalho escrito por autor brasileiro nos faça querer encontrar referências particulares à nossa realidade comum. Contudo, é importante considerar aqui que a metodologia é explícita quanto aos espaços/períodos considerados, e o objetivo é claro quanto ao caráter abrangente da pesquisa: o Ocidente. Também cabe observar que este estudo é resultado de um estágio de pós-doutorado junto ao Istituto e Museo di Storia della Scienza (IMSS), em Florença, Itália.

*Maria Amalia G. Martins*  
Agrônoma, Embrapa